

VIADUTOS DO RIO SOFREM COM A MÁ CONSERVAÇÃO

Inspeção, acompanhada por técnico, revela falha em estrutura de 13 dos 18 da cidade

Viaduto da Mangueira - Fábio Guimarães / Agência O Globo

POR LUIZ ERNESTO MAGALHÃES*

24/04/2018 4:30 / atualizado 24/04/2018 12:23

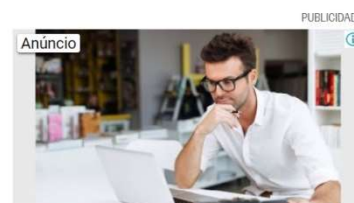


RIO - Os sinais da falta de cuidados com a conservação de viadutos e pontes do Rio estão visíveis por toda a cidade. Aparecem na forma de galhos que brotam sob o Viaduto Engenheiro Freyssinet (Paulo de Frontin), em ferragens à mostra e nas pequenas fissuras em alguns pilares do Elevado do Gasômetro, em São Cristóvão, e em pedaços de concreto que se soltam facilmente da estrutura do Viaduto Washington Luís, em Cascadura, que apresenta, inclusive, rachaduras. Os problemas foram constatados por uma equipe do GLOBO que percorreu cerca de 200 quilômetros da cidade acompanhada pelo engenheiro e consultor de perícias judiciais Salvador José Bailuni. A amostragem, com base em inspeções visuais, foi feita em 18 estruturas. Desse total, 13 (72,2%) apresentavam alguma falha na manutenção.

Os desgastes estruturais ficam visíveis ao mesmo tempo em que caem os gastos da prefeitura com a conservação de 1.300 viadutos, passarelas e pontes na cidade. Em 2013, os serviços tiveram um orçamento de R\$ 8,2 milhões. No ano passado, foi gasto apenas R\$ 1,1 milhão. Dessas 1.300 estruturas, 139 são viadutos, segundo dados do gabinete da vereadora Teresa Bergher (PSDB).

ARTIGO: [Por que caem os viadutos?](#)

Na avaliação de Salvador, boa parte dos problemas encontrados decorre da falta de uma conservação adequada do sistema de microdrenagem. A presença de lixo e terra acaba impedindo o escoamento da água. O acúmulo de líquidos junto a pontos críticos das estruturas, tais como nas bases de apoio de vigas e nas juntas de dilatação, favorece o processo de corrosão das partes metálicas. Com isso, o aço se expande, rompendo o revestimento em concreto, um fenômeno conhecido como desagregação. O sinal evidente da presença de água e terra é a existência de vegetação.



CDB Pr-Fixado

Banco Sofisa

COMPRAR

ÚLTIMAS DE RIO



Câmara do Rio vota nesta quarta sete projetos de lei de Marielle Franco

02/05/2018 12:10

— A impressão é que dá é que as autoridades se preocupam com a visibilidade de novos projetos. Preservar o que já existe não é prioridade por não dar voto. O gasto é irrisório — disse Salvador, que, entre outros casos, apresentou à Justiça estudos detalhados sobre as causas do desabamento do Edifício Liberdade, no Centro do Rio, em 2012.

Gasômetro sofre desgaste de maresia

Nas inspeções, o engenheiro não identificou riscos de colapso estrutural iminente. Mas, se a manutenção for inadequada por um longo período, essa possibilidade existe. Um exemplo foi o que aconteceu em fevereiro em Brasília, quando parte de uma estrutura localizada no Eixo Sul na região central da capital federal desabou sobre quatro carros estacionados embaixo dela, sem deixar vítimas. A causa mais provável para o acidente foi falta de manutenção. O problema em Brasília já era conhecido das autoridades há dez anos.



A presença de vegetação, um dos sinais da manutenção precária, pode ser encontrada em estruturas por toda a cidade. É possível avistar mato na ponte velha e também na ponte nova do Aeroporto do Galeão. O mesmo se repete, por exemplo, em um dos viadutos da Linha Vermelha, na altura do Caju. A quantidade de galhos também chama a atenção no Viaduto Dona Zica e Dona Neuma, na Mangueira, que interliga o bairro de São Francisco Xavier à comunidade; no Paulo de Frontin; e no Elevado do Gasômetro, na Zona Portuária.

Raio-x dos problemas dos viaduto

Problemas que vão e vêm nas alturas



PAULO DE FRONTIN:

Galhos na parte inferior denunciam problemas na drenagem. O concreto caiu em alguns pontos e há ferragens à mostra.

ELEVADO DO GASÔMETRO:

Sinais de corrosão em pilares próximos ao Instituto de Traumatologia como danos estruturais provocados por choques de ônibus e caminhões. Um trecho foi isolado com cones. Galhos em vários pontos indicam falhas no sistema de drenagem. Nas proximidades da Rodoviária estão sendo realizados serviços de manutenção.

VIADUTOS NA AVENIDA BRASIL:

Dois deles localizados nos acessos a Bangu e um na altura de Costa Barros. Fissuras em alguns trechos. Há ferros à mostra.

VIADUTO NA LINHA VERMELHA (ALTURA DO CAJU):

Presença de vegetação decorrente de falhas na drenagem.



PONTES VELHA E NOVA DO GALEÃO:

Problemas na drenagem. A conservação do asfalto da ponte velha também é precária

VIADUTO DE CASCADURA:

Presença de trincas. Um dos pilares apresenta processo de corrosão avançado onde o concreto se desfaz facilmente em pedaços. A oxidação do ferro nesse pilar é tão intensa que parte dos ferros virou pó.

ELEVADO DAS BANDEIRAS:

Passou por serviços de recuperação. Mas galhos demonstram problemas de drenagem no trecho mais próximo da praia do Pepê.

VIADUTO DOUTOR AGRAS:

No acesso ao túnel Santa Barbára, em Laranjeiras. Bom estado de manutenção. Mas galhos indicam problemas de drenagem.

VIADUTO DE LARANJEIRAS:

Entre as ruas Pilheiro Machado e Laranjeiras. Bom estado de manutenção. Mas galhos indicam problemas de drenagem.



VIADUTO MANGUEIRA:

Galhos e ferragens à mostra em vários trechos ao longo de toda a estrutura.

SEM PROBLEMAS VISÍVEIS

VIADUTO

No acesso do Cosme Velho à segunda galeria do túnel Rebouças, sentido Lagoa.

ELEVADO DO JOÁ:

Passou recentemente por recuperação estrutural.

VIADUTO DA TRANSOLÍMPICA EM JACAREPAGUÁ:

A via foi inaugurada em 2016. Nova, a estrutura se encontra em bom estado.

VIADUTO SAINT-HULLAIRE:

Em bom estado, mas a sinalização precisa ser reforçada para evitar choques de veículos altos, na saída do túnel Rebouças, na Lagoa.

VIADUTO DA LINHA AMARELA:

De acesso à via expressa, em Bomsucesso.

Investimentos da prefeitura na conservação de viadutos, passarelas e pontes



—Nem é preciso ser engenheiro para saber que árvores não devem brotar de viadutos — observa Salvador, acrescentando que as vias, no entanto, podem ter longa durabilidade, se forem cuidadas de forma apropriada. — Estima-se que possam durar pelo menos 400 anos.

Na vistoria, a equipe constatou também que a manutenção costuma ser mais cuidadosa em áreas nobres da cidade. Apesar disso, é possível perceber que as condições não são as ideais mesmo em viadutos nas zonas Sul e Oeste, que passaram por conservação recente, como o Elevado das Bandeiras, na Barra da Tijuca, e o Viaduto Doutor Agra, na embocadura do Santa Bárbara sentido Zona Sul-Catumbi. O mato já cresce nas duas vias.

Veja também



Conferência discute importância de planejamento em obras públicas



Queda da Ciclovia Tim Maia: sem punição após dois anos



Deslizamento de pedras na Estrada da Barra não tem relação com obras da Linha 4, segundo o estado



Sem recursos, obras de conclusão do bonde de Santa Teresa não têm previsão para terminar

O engenheiro Antônio Eulálio, da Associação Brasileira de Pontes e Estruturas, diz que há anos chama a atenção da prefeitura para a necessidade de investir mais em manutenção.

— Em condições ideais, uma estrutura de porte semelhante ao do Elevado Paulo de Frontin deveria receber pelo menos R\$ 1 milhão por ano de investimentos. Há vários governos, a prefeitura afirma que dispõe de um programa de conservação que estabelece prioridades. Mas o estado de corrosão das estruturas mostra outra coisa — critica Antônio Eulálio.

Para o engenheiro Gilberto do Valle, da Associação Brasileira de Engenharia e Consultoria Estrutural (ABCE), os custos para a conservação de qualquer obra deveriam ser automaticamente previstos nos orçamentos públicos:

— Custe o que custar, essa despesa tem que ser programada. Sem a preservação, naturalmente os custos de recuperação do equipamento que se estragou serão muito maiores a longo prazo — disse Gilberto do Valle.

No Gasômetro, a proximidade com o mar é outro fator que acelera a degradação: gotículas de maresia penetram em trincas, acelerando a degradação do aço. Isso aconteceu, por exemplo, em um dos pilares em frente ao Instituto de Traumatologia e Ortopedia, no Caju. Antônio Eulálio chama atenção para o fato de os desgastes estruturais serem inevitáveis, mesmo com manutenção adequada, devido à chamada “chuva ácida”, precipitação de água misturada a substâncias fruto da queima de combustíveis fósseis.

** Colaborou Maurício Ferro*



CDB P s-Fixado

Banco Sofisa

COM